

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
CAMPUS DE PATOS – PB
UNIDADE ACADÊMICA DE MEDICINA VETERINÁRIA

MONOGRAFIA

Terapia Assistida por Animais
(Revisão de Literatura)

JUCIANA MIGUEL DA SILVA

2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
CAMPUS DE PATOS – PB
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

MONOGRAFIA

Terapia Assistida por Animais
(Revisão de Literatura)

Juciana Miguel da Silva
Graduanda

Prof^a. Dr^a. Norma Lúcia de Souza Araújo
Orientadora

Patos
Outubro 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
CAMPUS DE PATOS – PB
UNIDADE ACADÊMICA DE MEDICINA VETERINÁRIA

JUCIANA MIGUEL DA SILVA
Graduanda

Monografia submetida ao curso de Medicina Veterinária como requisito parcial para obtenção do grau de Médica Veterinária.

APROVADO EM: 05 /10 / 2011.

MÉDIA: 10,0

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Norma Lúcia de Souza Araújo.
Orientadora

Prof^a Dr^a. Melania Loureiro Marinho.
Examinador I

Prof^a. Maria Edilene Rodrigues.
Examinador II

PEDRO e ANTÔNIA.

A vocês que me agraciou com o maior espetáculo no teatro da existência - A vida!

Dedico essa conquista, com a mais profunda admiração e respeito.

*Abriram a porta do meu futuro, iluminando meu caminho com a luz mais
brilhante que puderam encontrar: O ESTUDO.*

Trabalharam dobrado, sacrificaram seus sonhos em favor dos meus.

Acreditaram em mim e hoje sou fruto dessa confiança!

AGRADECIMENTOS

Nesse momento sinto-me feliz em poder agradecer e dedicar essa conquista as pessoas que mais amo e que fazem parte da minha vida.

Aos meus pais, **Pedro** e **Antonia**, que na minha caminhada, foram meus mestres. Com seus exemplos me ensinaram a agir com dignidade, honestidade e respeito a ser responsável e humana. Não foram apenas pais, mas amigos e companheiros, mesmo nas horas em que meus ideais pareciam distantes e inatingíveis e o estudo um fardo pesado demais. O carinho da tua voz, a esperança do teu sorriso, o conforto de tuas lágrimas, o brilho do teu olhar, me fizeram tão grande quanto seu amor por mim.

Paíño e Maínha essa conquista e todo meu amor é de vocês!

A minha “**IrMãe**” Corrinha e seu esposo, o Med. Veterinário Reginaldo Leite, por todas as oportunidades e as portas que abriram pra minha formação, me mostrando que apenas os fracos julgam e desistem, enquanto os fortes compreendem e têm esperança. Que eu viva até o dia de poder retribuir tudo que fizeram e fazem por mim.

A vocês o meu muito obrigado!

Aos **meus irmãos**, Kelly, Ciene, Cleide, Cieudo, Francisco (Titi) e Jucia. Anjos na minha vida, que participaram ativamente na realização desse sonho, por terem confiando, investindo e me incentivado, através deles pude enxergar que nas falhas e lágrimas se esculpe a sabedoria e compreensão.

Amo vocês!

A todos os **meus sobrinhos**, em especial Renata, Rômulo e Ruana pela ótima convivência e aprendizado, e os demais, pelo carinho, amizade, compreensão e amor, sempre torcendo por mim. A Thailany e Maria Helena (minhas fontes de alegria) por recarregar minhas energias sempre que eu ia para casa.

A minha turma de graduação **Os Elementos**: os “**Queijos**” (Jouberdan (Joba), Érico, Orestes, Jeff Boy, Jean, Éfren, Olawo, Arthur, Danilo (Torú), Allan, Deuslânio, Vilde, Patrocínio e Jackson) e as “**Desmoralizadas**” (Talita, Ivana, Rafa, Isabela, Thais, Roberta, Alânia, Angélica, Fabiola, Naianne, Maria e Layse) que o tempo não deixará esquecer, pelo carinho, amizade, por todos os momentos que passamos juntos, os quais deixaram

lições de vida. Juntos aprendemos a contemplar as coisas simples e navegar nas águas da emoção.

Vou sentir muita falta de todos vocês!

A **Professora Norma Lúcia** pela amizade, paciência, orientação e ensinamentos preciosos, por ter confiado na minha capacidade.

A **Doval**, por sempre estar presente, mesmo ausente, me dando força antes e durante a minha graduação. Por ter me ensinado a não ter medo de viver e a superar os momentos mais difíceis da minha vida.

Nossos momentos vão ser eternos!

Aos **amigos** que entraram na minha vida ao longo do curso, Renault, Islaine (irmã que Deus me presenteou), Fabíola, as aziladas (os) - Aline, Nozay, Fábio, Vinícius, Jamersom e Igor por estarem sempre comigo, prontos para ajudar, pelos momentos de alegrias e brincadeiras, que jamais serão esquecidos, por também aguentarem meus estresses sem nunca se queixarem.

Vocês são únicos!!!

Aos amigos a quem também posso chamar de **Tia e Tio**: Marleide e Antônio Vianna, Maria e João Leite (Benga) por todo incentivo, carinho, caronas e apoio.

A todos os **Professores** da minha graduação que aos poucos foram dando forma ao meu sonho de ser Médica Veterinária. Ao Médico Veterinário Rodrigo Palmeira pela brilhante idéia do projeto, mesmo que o objetivo não tenha sido alcançado, a semente foi plantada.

Por ultimo e não menos importante a **DEUS**, por me colocar no meio de todas essas pessoas, permitir a realização desse sonho e iluminado todos os dias da minha vida. Agora Senhor que um brilho de felicidade percorre meus olhos, um arrepio de ansiedade atinge meu corpo e que um peso de responsabilidade carrega meus ombros...

Sigo adiante com a certeza que sempre estive e estará comigo e que toda minha força vem de Ti.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	12
	2.1 Interação homem x animal.....	12
	2.2 Zooterapia.....	14
	2.2.1 Equoterapia.....	16
	2.2.1.1 Mecanismos psicomotores envolvidos na Equoterapia...	17
	2.2.2 Cinoterapia.....	22
	2.2.3 Delfinoterapia.....	25
	2.2.4 Outros animais.....	26
	2.3 Indicações e benefícios.....	27
	2.4 Seleção e saúde do animal.....	28
	2.5 Profissionais Envolvidos e o Papel do Médico Veterinário.....	30
	2.6 Avanços da Terapia.....	31
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
4	REFERÊNCIAS.....	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Movimento tridimensional.....	19
Figura 2 -	Como funciona a Equoterapia.....	20
Figura 3 -	Sessões de Equoterapia em criança com Síndrome de Down.....	22
Figura 4 -	Sessões de Equoterapia em criança com Paralisia Cerebral.....	22
Figura 5 -	Projeto Cinoterapia com crianças.....	23
Figura 6 -	Projeto Cinoterapia com idosos.....	23
Figura 7 -	Visita de cães terapeutas a idoso em asilo.....	24
Figura 8 -	Visita de cães terapeutas a criança hospitalizada.....	24
Figura 9 -	Sessão de Delfinoterapia.....	26
Figura 10 -	Sessão de Delfinoterapia.....	26

RESUMO

SILVA, JUCIANA MIGUEL. Terapia Assistida por Animais. (Revisão de Literatura). 2011. 39p. Monografia (Conclusão do curso de Medicina Veterinária) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Patos, 2011.

A ligação e interação dos humanos com os mais diversos animais podem ser observados nos diferentes períodos de evolução da humanidade. A zooterapia, método terapêutico onde o animal é usado como parte principal do tratamento, tem por objetivo promover a saúde física, social, emocional e/ou funções cognitivas das pessoas. Trata-se de um processo coadjuvante, paralelo e facilitador, não substituindo qualquer terapia convencional. O objetivo deste trabalho foi estudar os principais meios zoterápicos, como suas indicações, e os benefícios oferecidos citados na literatura científica de uma forma clara e objetiva, além avaliar a participação de médicos veterinários nessa prática.

A zooterapia pode servir como auxílio no tratamento de diversas patologias como síndromes genéticas, hiperatividade, depressão, mal de Alzheimer, lesão cerebral, entre outras. Ela parte do princípio de que o amor e a amizade que podem surgir entre a interação dos seres humanos e animais geram inúmeros benefícios.

Palavras-chave: Animais Terapeutas. Médico Veterinário. Equoterapia. Cinoterapia.

ABSTARCT

SILVA, JUCIANA MIGUELI. Animals Assisted Therapy. (Review of literature). 2011. 39p.- Monograph (Veterinary Medicine course) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Patos, 2011.

The connection and interaction of humans with all kinds of animals can be observed in different periods of human evolution. The zootherapy, therapeutic method where the animal is used as the main part of the treatment is aimed at promoting physical, social, emotional and / or cognitive functions of people. It is a supporting process, parallel and facilitator, not replacing any conventional therapy. The aim of this study was the main means zootherapy as its indications, and benefits cited in the scientific literature in a clear and objective, and evaluate the participation of veterinarians in this practice. The zootherapy can serve as an aid in treating various diseases such as genetic syndromes, hyperactivity, depression, Alzheimer's, brain injury, among others. It assumes that love and friendship that may arise between the interaction of humans and animals produce many benefits.

Key words: Animals Therapeutae. Veterinarian. Equotherapy. Cinotherapy.

1 INTRODUÇÃO

A convivência de humanos com os animais vem sendo escrita e redesenhada ao longo dos anos com os diferentes tipos de animais, sejam estes de produção, selvagem, mantidos em zoológicos, de laboratórios para pesquisas ou simplesmente fazendo parte do nosso cotidiano como animais de estimação.

Historicamente, essa convivência tem se constituído por alianças sólidas entre essas espécies, hoje evidenciadas em atividades esportivas e nos animais membros da família. No percurso dessa convivência foram se desenvolvendo benefícios para ambas as espécies, porém com ênfase para os humanos.

Estudos têm demonstrado que a interação do homem com animais de estimação pode ter efeitos positivos na saúde e comportamento humano e que, em alguns casos, esses efeitos são relativamente duradouros. Para Faraco, (2004) o uso de animais para o benefício humano é uma entidade complexa iniciada no período neolítico quando se deu a domesticação de animais como o gato, a cabra, o cavalo, a ovelha, o porco e outros, contudo essa relação entre o ser humano e animais é mantida até hoje graças a sentimentos muito peculiares.

O uso de animais na medicina popular é um fenômeno amplamente distribuído do ponto de vista histórico e geográfico, que ao longo da história encontramos muitas referências sobre os benefícios para a saúde humana, da convivência com animais, sendo essa interação estudada sob diferentes abordagens.

Atualmente este recurso denominado zooterapia, a qual utiliza o animal, como instrumento para promover o bem estar e saúde do homem se encontra em expansão, sendo alvo de pesquisas em todo o mundo, esse tipo de terapia é uma realidade ao longo da história das sociedades, embora seja ainda relativamente pouco estudada. Diversas técnicas de zooterapia têm sido desenvolvidas e aplicadas no tratamento de diferentes enfermidades, envolvendo principalmente a Cinoterapia (cães), a Equoterapia (cavalos) e a Delfinoterapia (golfinhos).

Nesse contexto se evidencia o papel do Médico Veterinário tanto em questões de saúde pública, como cuidados necessários a promoção do bem-estar animal envolvidos nesses programas.

O objetivo deste trabalho é conhecer os principais métodos zoterápicos, suas indicações, melhor forma de aplicação e os benefícios oferecidos citados na literatura científica de uma forma clara e objetiva, além avaliar a participação de Médicos Veterinários nessa prática, uma vez que o assunto vem ganhando espaço no meio científico por, comprovadamente, melhorar a qualidade de vida dos adeptos desses recursos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Interação homem x animal

A relação homem animal já é conhecida há bastante tempo. Estudos apontam para a relação homem-animal na pré-história. Foram encontrados sítios arqueológicos dessa época em que o animal doméstico era enterrado em posição de destaque ao lado do seu provável dono (PEIXOTO, 2009).

Temos os animais como colaboradores de nossas conquistas e batalhas, personagens indispensáveis no desenvolvimento da ciência, na religião, nas fábulas infantis e sendo nossos companheiros, além de atenderem às necessidades humanas de alimentação, vestuário e transportes. De uma relação instrumental, o relacionamento entre os seres humanos e os animais vem se transformando e tem sido cada vez mais afetiva (BAYNE, 2002).

Segundo Teixeira, (2007) o cachorro passou por um processo de domesticação intenso, podemos dizer que o cão que conhecemos hoje é uma obra humana. A evidência arqueológica mais antiga dessa amizade, uma mulher enterrada junto de seu cão encontrados em Israel, data de 12.000 anos atrás, mas sabe-se que essa domesticação iniciou-se bem antes, há mais de 100.000 anos, quando os ancestrais do homem começaram a dar abrigo aos filhotes de lobos que rondavam seus acampamentos.

A relação, a principio, era de caráter utilitário: o cão ajudava na caça e na proteção, em troca de comida. Presume-se que aqueles animais que se adaptavam melhor ao convívio humano ganharam o que os biólogos chamam de vantagem adaptativa: tinham mais chance de sobreviver e gerar descendência que os demais. Num processo que os naturalistas chamavam de “seleção artificial”, o homem foi criando cães cada vez mais apropriados a suas necessidades (TEIXEIRA, 2007). Porém a grande mudança deu-se a partir dos tempos modernos, com a criação de cães para a função principal de guarda da propriedade, de tração de carroças e trenós, ou utilidade para acompanhar tropeiros, agricultores, além da condição de estimação (UYEHARA, 2004).

Outro animal de grande importância na história do homem é o cavalo; durante a Idade do Bronze e do Ferro foi fundamental nas atividades de pastores nômades da Eurásia e acompanhou a evolução das sociedades humanas desde sua domesticação, provavelmente em 3.500 a.C. Antes do desenvolvimento de armas de fogo, ele foi um importante

instrumento de guerra e antes da invenção da máquina a vapor ele era o meio de transporte terrestre mais rápido e confiável (JULIANO *et al.*, 2006).

Mas é a partir da Revolução Industrial quando os animais começam a não ser tão necessários para as atividades da vida diária, que começa um processo que durará até os nossos dias em que se trocou a concepção meramente utilitária para serem vistos como seres amigos formando parte do todo ecológico em que vivemos, entendendo-se que as suas prestações podem resultar em benefícios mais além do plano material se soubermos interpretar os seus sinais e a sua maneira de ver a vida (SALAMA, 2005).

Os laços afetivos que envolvem os seres humanos e os animais podem ser originados da solidão que as pessoas sentem. Como o animal se doa completamente sem cobrar nada em troca, aceita os fatos sem julgamento, não apresenta os problemas e exigências da comunidade humana e, não tem o atributo da vontade tão desenvolvido, a compensação da solidão e a transferência do apego de uma pessoa a um animal de estimação podem ser mais fáceis do que com outro ser humano, criando um vínculo forte e duradouro. Contudo, a lógica dos fatos permite concluir que o animal não resolve o problema da carência humana e da resolução dos conflitos que a maioria da humanidade padece e que cedo ou tarde, terá de empenhar-se em melhorar, através do esforço próprio e da aquisição de níveis crescentes de ética pessoal (PRADA, 2001 apud ANDERLINI e ANDERLINI, 2007).

Segundo Faraco *et al.*, (2004) no Brasil, essa convivência pode ser avaliada através estimativas populacionais que indicam a existência de 27 milhões de cães e 11 milhões de gatos como animais de estimação. Esses dados oferecem sustentação à idéia de que a vida humana, compartilhada com os animais, está instituída como uma nova forma de existência, que atende as necessidades atuais de determinados grupos de pessoas

O contato com os animais pode auxiliar o homem em sua busca pelo conhecimento de si, no estabelecimento de sua identidade e na descoberta de suas próprias “realidades animais”. Eles podem representar a única ponte de ligação do homem com um mundo autêntico, sem hipocrisias, corporativismo ou mediocridade (ODENDALL, 2000 apud ALMEIDA *et al.*, 2009).

Estudos têm demonstrado que a interação do homem com animais de estimação pode ter efeitos positivos na saúde e comportamento humano e que, em alguns casos, esses efeitos são relativamente duradouros (SERPELL, 1993 apud ALMEIDA *et al.*, 2009).

Com a convivência, de acordo com Flôres, (2009) datada há milhares de anos os humanos aprenderam a obter vantagens dessa parceria com os animais. De uma mera funcionalidade, o homem passou a sentir afeto por esses outros seres e percebeu que além de uma função, eles poderiam dar lhes algo muito mais valioso, promoção de saúde.

Os animais têm características que ainda precisam ser amplamente estudadas. Eles podem captar nossos sentimentos, expectativas e intenções, além de serem capazes de reconhecer nossa linguagem corporal e por meio dela captar nosso estado de espírito. Também por meio das alterações químicas que ocorrem em nosso organismo podem identificar como está nosso humor, nossa saúde e nosso estado geral uma vez que possuem o olfato mais apurado que o nosso, além de captar frequências sonoras não detectáveis para o ser humano (DUKES, 2006).

2.2 Zooterapia

A utilização de animais como parte de um programa terapêutico segundo Peixoto, (2009) foi primeiro registrado no século IX, em Gheel, na Bélgica, onde pessoas com necessidades especiais foram autorizadas pela primeira vez a cuidar de animais domésticos. Outros dados, ainda segundo o mesmo autor apontam a origem da Terapia Assistida com Animais (TAA) remonta a Inglaterra que, no final do século XVIII foi aplicada numa instituição mental, onde os pacientes ali internados participavam de um programa alternativo de comportamento que consistia na permissão de cuidar de animais de fazenda como reforço positivo. Nos anos 60, graças ao psicólogo infantil americano, Boris Levinson, assiste-se ao ressurgimento da terapia baseada em animais.

De fato a zooterapia consiste em fenômeno transcultural historicamente antigo e geograficamente disseminado, ainda que seja relativamente pouco estudado (SILVA, 2009).

Zooterapia, Atividades Assistida por Animais (AAA), Terapia Assistidas por Animais (TAA.) e ainda *Pet Therapy* são denominações para diferentes tipos de assistências humanas onde os animais são utilizados como co-terapeutas e co-educadores. Atuam como facilitadores do ensino e aprendizagem e ainda como estimuladores de atividades físicas e terapêuticas (SILVA, 2009). Para Anderlini e Anderlini, (2007) tantas terminologias causam confusão, dessa maneira a definição mais objetiva possível é: AAA

envolve a visitação, recreação e distração por meio do contato dos animais com as pessoas, onde não requer acompanhamento de um profissional; TAA envolve serviços profissionais da área médica e outras que utilizam o animal como parte do trabalho e do tratamento (ANDERLINI e ANDERLINI, 2007).

Isto não deve ser confundido com a utilização de animais como entretenimento, pois a TAA é uma abordagem interdisciplinar complementar a outras terapêuticas, não substituindo o tratamento convencional, e tem como objetivo auxiliar na resolução de um problema humano (EDWARDS e BECK, 2002 apud DORNELAS *et al.*, 2009).

A *Delta Society*, (2005) entidade dos estados Unidos que regulamenta os programas com o uso de animais, assim definiu: “a Terapia Assistida por Animais (TAA), trata-se de uma intervenção dirigida a um objetivo, na qual o encontro entre o animal e humano torna-se parte integrante do processo de tratamento; é dirigida por um profissional da área da saúde e está desenhada fundamentalmente para promover melhorias nas áreas física, emocional e social, respeitando o funcionamento cognitivo das pessoas. Pode levar-se a cabo desde uma ampla variedade de enquadramentos e pode realizar-se de forma individual ou em grupo. Todo o processo de tratamento deve ter uma avaliação e um registro do mesmo.”

Atualmente, os princípios dessa terapia mediada por animais são utilizados em todo o mundo. O trabalho é realizado através da utilização de cães, gatos, cavalos, golfinhos, peixes, tartarugas, coelhos e burros, em hospitais e escolas especializadas no tratamento de pessoas que apresentam problemas psicológicos e na reabilitação de portadores de deficiências múltiplas. O vínculo afetivo que o paciente logo estabelece com o animal é o primeiro passo para o sucesso da terapia, pois abre caminho para a comunicação com o terapeuta (FLÔRES, 2009).

A TAA pode ser aplicada em várias faixas etárias e em diferentes locais, tais como: hospitais, ambulatórios, casas de repouso, escolas, clínicas de fisioterapia e de reabilitação. São utilizados todos os tipos de animais que possam entrar em contato com os humanos sem proporcionar-lhes perigo (KOBAYASHI *et al.*, 2009).

No Brasil, a TAA aparece na década de 80, porem somente a partir dos anos de 1990, são fundados os primeiros Centros de Atendimentos de TAA, e iniciaram-se as pesquisas científicas sobre o tema (TURNER, 2006 apud MOTTI, 2007).

De acordo com Mannunci, (2005) citado por Motti, (2007) a partir de 1980, a terapia com animais voltou a ser expressiva no Brasil. O Conselho Federal de Medicina

(CFM) reconheceu a eficácia do trabalho com cavalos – a Equoterapia – no processo de reabilitação física de uma série de doenças. Uma década depois foi a vez de cães e gatos reassumirem o papel de co-terapeutas. Alguns dos fatores que estimularam a necessidade de bichos em casa foram os aumentos na expectativa de vida, mais pessoas morando sozinhas e o adiamento do plano de ter filhos.

De acordo com Dotti, (2005) citado por Klein, (2007) no Brasil, o primeiro trabalho registrado com animais foi o da psiquiatra junguiana Nise da Silveira, que iniciou seu processo de terapia com cães e gatos num hospital a partir de 1955 com pacientes esquizofrênicos, continuando as atividades somente até a década de 60, pois sua obra como um todo não era reconhecida, e o trabalho com animais era uma de suas maiores dificuldades naquele centro, pois a interação entre animais e enfermos foi fonte de preconceito.

Outra precursora em TAA, no Brasil é a Dra. Hannelore Fuchs, psicóloga e Médica Veterinária, que fundou a Associação Brasileira de Zooterapia (Abrazoo) e é coordenadora do Programa Pet Smile. O programa tem como objetivo desenvolver habilidades motoras e autoconfiança nas crianças, bem como diminuir a ansiedade das mesmas. Para Fuchs, o contato com os pequenos animais do programa acaba reduzindo o estresse provocado pelo problema enfrentado (DELARISSA, 2003 apud FLÔRES, 2009).

Atualmente em nosso país o recurso terapêutico mais conhecido é a Equoterapia ou Hipoterapia, que usa cavalos para interagir e restabelecer portadores de deficiências físicas, problemas mentais e alterações motoras. Uma atividade prazerosa que estimula os pacientes a se movimentar, a ganhar auto-estima e confiança. Quanto aos demais animais, os cachorros são os preferidos e mais habilitados para as funções, pois são sociáveis e interagem facilmente (LERMONTOV, 2011).

2.2.1 Equoterapia

A vida entre humanos e cavalos vem sendo escrita há milhares de anos, no início apenas como fonte de alimentação para o homem. Com o tempo veio o processo de domesticação iniciado pelos nômades nos tempos pré-históricos. Posteriormente, utilizado como meio de transporte, foi que o cavalo passou a fazer parte de nossas vidas, tornando-

se peças principais no transporte e permanecendo assim até o século XX (FERNANDES, 2009).

O uso do cavalo como forma de terapia data de 400 a.C. quando Hipócrates utilizou-se do cavalo para “regenerar a saúde” de seus pacientes. Desde 1969 a NARHA (Associação Norte- Americana de Hipoterapia para Deficientes) vem divulgando na America do Norte método que na Europa já é conhecido há mais tempo (ANDE-BRASIL, 2007).

Em 1970 foi criada no Brasil a ANDE-Brasil (Associação Nacional de Equoterapia), que em 1989, adotou o termo Equoterapia, o qual foi registrado no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) do Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comercio, com certificado de registro de Marca nº 819392529, de 06 de julho de 1999. Em 1997 foi reconhecido como um método terapêutico pelo Conselho Federal de Medicina e pela Sociedade Brasileira de Medicina Física e Reabilitacional, de acordo com a Legislação Brasileira. Atualmente a Equoterapia está inclusa entre os serviços especializados oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), conforme a lei 5.499/05, aprovada pelo Senado Federal (KLEIN, 2007; ANDE-BRASIL, 2007).

A Equoterapia não é uma técnica que ensina a montar a cavalo e sim um processo terapêutico e educacional (FRARE e VOLPI, 2011). Utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais. Este método terapêutico só poderá ser realizado, obrigatoriamente, com a prescrição de um médico e as sessões de Equoterapia acompanhadas por um fisioterapeuta e um psicólogo (KLEIN, 2007).

2.2.1.1 Mecanismos psicomotores envolvidos na Equoterapia

Não por acaso a Equoterapia tem no cavalo o elemento fundamental de um método terapêutico. O caminhar do cavalo, passo a passo, proporciona ao praticante um movimento tridimensional (Figuras 1e 2), similar a marcha humana, levando seus corpos ao mesmo tempo para cima e para baixo, de um lado para o outro e por fim verticalmente subindo e descendo (FRARE e VOLPI, 2011; QUEIROZ, 2006; WICKERT, 1999).

Wickert, (1999) ressalta as três andaduras naturais e instintivas do cavalo: o passo, trote e galope. Logo esses diferentes movimentos produzidos pelo cavalo produzem diferentes atuações sobre o cavaleiro:

- O trote e o galope são andaduras saltadas. Isto quer dizer que entre um lance e outro, seja de trote ou de galope, o cavalo executa um salto, existe um tempo de suspensão, em que ele não toca com seus membros no solo. Em consequência, seu esforço é maior, seus movimentos mais rápidos e mais bruscos e quando ele retorna ao solo, exige do cavaleiro mais força para se segurar e um maior desenvolvimento ginástico para poder acompanhar os movimentos do animal. Por isso, estas andaduras só podem ser usadas em Equoterapia, com praticantes em estágio mais avançado.

- O passo é uma andadura rolada ou marchada. Isto quer dizer que sempre existe um ou mais membros em contato com o solo, não possui tempo de suspensão, por suas características é a andadura básica da equitação e é com esta que é executada a grande maioria dos trabalhos de Equoterapia. Ao passo, o cavalo realiza balanço tridimensional, esses estímulos são transmitidos repetidamente para o sistema nervoso central, desencadeando respostas positivas como ganho de equilíbrio corporal, adequação do tônus muscular e estimulação e desenvolvimento motor para se chegar à marcha e/ou maior independência funcional.

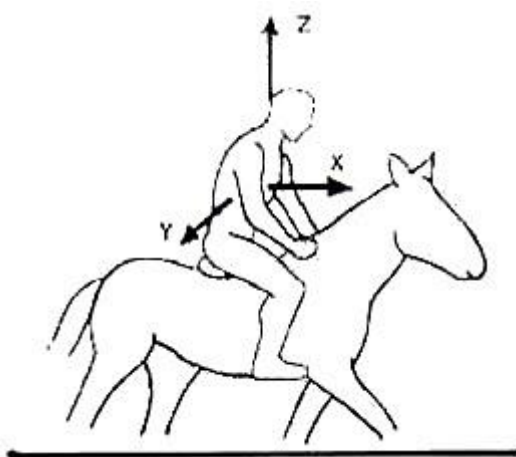


Figura 1- Movimento tridimensional. Fonte: Revista Equoterapia (1999)

A característica mais importante da Equoterapia é que o passo produz no cavalo e transmite ao cavaleiro, uma série de movimentos seqüenciados e simultâneos, estes movimentos são completados com pequena torção da bacia do cavaleiro que é provocada pelas inflexões laterais do dorso do animal (SODRÉ e PLETSCHE, 2009).

Os movimentos são transmitidos ao cérebro do cavaleiro, através de seu sistema nervoso por meio da ligação existente entre o assento do cavaleiro e o dorso do animal, centro de execução dos movimentos do cavalo, com a continuidade de sua execução, são geradas respostas que irão ativar seu organismo (SILVEIRA e WIBELINGER, 2011).

Esta é a grande vantagem da utilização do cavalo. O praticante é incapaz de gerar os movimentos por si só. Neste caso, o cavalo gera os movimentos e os transmite ao cavaleiro, e desencadeia o seu mecanismo de resposta. Apesar dos movimentos se processarem de maneira rápida, ela não é tão rápida que impeça o seu entendimento pelo cérebro humano. E a sua repetição, simetria, ritmo e cadência fazem com que as respostas surjam de maneira bastante rápida (WICKERT, 1999).

Ainda segundo Wickert, (1999) todo o movimento é composto por perdas e retomadas de equilíbrio. Tanto os animais quanto o homem realizam seu movimento segundo este princípio. Comparando os movimentos humanos executado em seu deslocamento (ao passo), vemos que ele é idêntico ao produzido por um cavalo, quando também se desloca ao passo fazendo com que o movimento provocado na bacia pélvica de quem está no seu dorso seja 95% semelhante ao de uma pessoa andando a pé. É exatamente este movimento (Figura 2), que gera os impulsos que acionam o sistema nervoso para produzir as respostas que vão dar continuidade ao movimento e permitir o deslocamento.

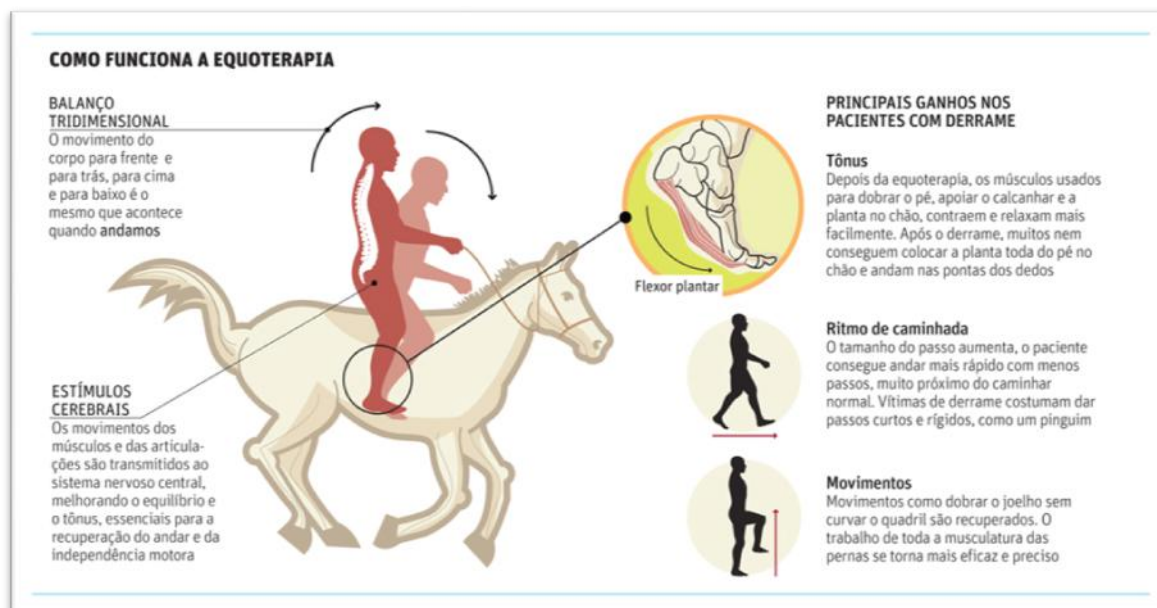


Figura 2- Como funciona a Equoterapia. Fonte: www.flickr.com

A partir das respostas, o organismo terá maiores ou menores condições de movimentar-se em função da capacidade dos músculos entrarem em atividade, daí a necessidade de um trabalho em conjunto pelos diversos especialistas que compõem a equipe de Equoterapia, para analisar os resultados obtidos e programar a continuidade e intensidade dos exercícios a serem executados pelo praticante (WICKERT, 1999).

Em consequência do princípio físico denominado inércia, e devido ao contato direto, o praticante com o cavalo, ao longo de 30 minutos de exercícios, terá executado de 1.800 a 2.200 deslocamentos, que atuam diretamente sobre o seu sistema nervoso profundo, o qual é responsável pelas noções de equilíbrio, distância e lateralidade. Assim o cavalo se torna uma máquina terapêutica, fazendo com que o praticante tenha uma capacidade motora que não possuía (QUEIROZ, 2006).

Na esfera social, a Equoterapia é capaz de diminuir a agressividade, tornar o paciente mais sociável, melhorar sua auto-estima, diminuir antipatias, construir amizades e treinar padrões de comportamento como: ajudar e ser ajudado, encaixar as exigências do próprio indivíduo com as necessidades do grupo, aceitar as próprias limitações e as limitações do outro (CESJCD, 2007).

Assim a Equoterapia é indicada no tratamento dos mais diversos tipos de comprometimentos (Figuras 3 e 4) motores, mentais e sociais. Já estão comprovados cientificamente os benefícios desse método para praticantes com:

- Paralisia Cerebral;
- Acidente Vascular Encefálico;
- Atraso no desenvolvimento neuropsicomotor;
- Síndrome de Down e outras;
- Traumatismo crânio-encefálico;
- Lesão medular;
- Esclerose múltipla;
- Disfunção na integração sensorial;
- Dificuldade da aprendizagem ou linguagem;
- Distúrbios do comportamento;
- Hiperatividade;
- Autismo;
- Traumas;
- Depressão;
- Estresse

As contra-indicações se resumem a pessoas com hemofilia, às graves afecções de coluna vertebral como hérnia de disco, esclerose com evolução, epífise de crescimento em estagio evolutivo, luxações de quadril muito severa e geralmente todas as afecções em fase aguda; excessiva lassidão ligamentosa das primeiras vértebras cervicais à síndrome de Down, também em caso de epilepsia (SILVA, 2004 apud MOTTI, 2007).

A segurança física do praticante deve ser uma preocupação constante de toda a equipe, tendo em vista: o comportamento e atitudes habituais do cavalo e às circunstâncias que podem vir a modificá-los; a segurança do equipamento de montaria, particularmente correias, presilhas, estribos, selas e manta; à vestimenta do cavaleiro, principalmente nos itens que podem trazer desconforto ou riscos de outras naturezas e o local das sessões onde possam ocorrer ruídos anormais que venham assustar os animais (CESJCD, 2007).



Figura 3- Sessões de Equoterapia em criança com Síndrome de Down. Fonte:folhaequoterapia flickr.com



Figura 4- Sessões de Equoterapia em criança com Paralisia Cerebral. Fonte:www.obeabadosertão.com.br

O local onde se realiza a Equoterapia deve ser adequado, podendo o solo ser de areia ou grama. Geralmente são realizados no ambiente natural do cavalo, onde este já está familiarizado e reconhece como sendo seu espaço (QUEIROZ, 2006).

2.2.2 Cinoterapia

Esta técnica recebeu a denominação de Terapia Facilitada por cães (TFC), atualmente denominada de Cinoterapia, é uma modalidade de terapia facilitada por animais, onde o cão atua como instrumento reforçador, estimulador e reabilitador global do indivíduo a ser abordado (ALVES, 2009). De acordo com Bergamo, (2005) o primeiro estudo científico sobre o assunto foi publicado na década de 60 e nos anos 80 já havia vários estudos que comprovaram a eficácia deste tipo de técnica para beneficiar a coordenação motora, habilidades cognitivas e sócioemocionais, diminuir a ansiedade e motivação do indivíduo, entre outras.

Considerando o papel do cão na sociedade contemporânea, Lantzman, (2004) ressalta que, com as grandes transformações ocorridas nos últimos cinquenta anos, o cão adquiriu importante papel, sendo foco de fortes vínculos afetivos. Para Teixeira, (2007) a

humanidade mantém laços afetivos mais fortes com os cães do que com qualquer outro bicho. A ciência vem desvendando as razões dessa história de amor que já dura 12.000 anos.

Os cães com treinamento especial auxiliam profissionais da área da saúde a trabalhar a fala, equilíbrio (Figura 5), expressão de sentimentos e motivação. Estas terapias contam com cães adestrados por um profissional da área e com o auxílio de Psicólogos, Fisioterapeutas, Médicos e Médicos Veterinários, onde os cães realizam exercícios buscando estimular o paciente nos sentidos físico e psicológico, trazendo benefícios para o mesmo providenciando numerosas oportunidades para crescimento pessoal baseado em benefícios educacionais, recreacionais ou motivacionais a partir do contato com o animal (OLIVEIRA, 2005).

A socialização do cão como processo de integração de indivíduos é de fundamental importância para essa prática, sendo extremamente necessário que o cão seja socializado para que possa interagir com seres humanos de uma forma coerente e socialmente aceita (ANDERLINI, 2009).



Figura 5 - Projeto cinoterapia com crianças.
Fonte: jornaldaparaiba.com.br



Figura 6 - Projeto cinoterapia com idosos.
Fonte: www.caoamigo.org.br

O convívio com cães estabelece benefícios emocionais para pessoas de diferentes faixas etárias, classes sociais e condições de saúde. Estudos recentes revelam os benefícios

incontestáveis deste convívio com crianças e adultos, sejam com necessidades especiais ou não, assim como em idosos (Figura 6), presidiários, portadores de enfermidades cardíacas, doentes psiquiátricos, portadores de Alzheimer, Parkinson, AIDS, paralisia cerebral, acidente vascular cerebral, câncer, ansiedade, solidão, fobia social, síndrome do pânico e depressão. (ANDERLINI e ANDERLINI, 2007).

Um bom cão de terapia deve ser calmo, amigo e obediente para fazer visitas programadas aos idosos em asilos (Figura 7) e casas de repouso, ou a crianças em hospitais (Figura 8). Eles levam entretenimento e distração, o que ajuda a combater a solidão, a depressão e tiram a atenção das dores e dos traumas (LERMONTOV, 2011).

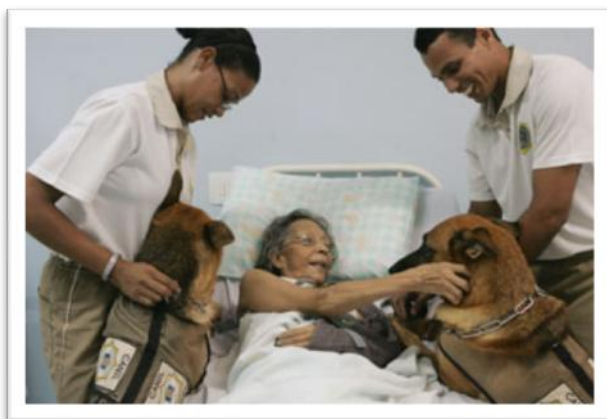


Figura 7- Visita de cães terapeutas a idoso.
Fonte: www.odia.terra.com.br



Figura 8- Visita de cães terapeutas a criança hospitalizada. Fonte: Portal do Poodle.

Esses animais têm sido usados como facilitadores para profissionais das áreas de: terapia ocupacional; fisioterapia; psicologia; fonoaudiologia; pedagogia e psiquiatria. Ajudando a realizar atividades lúdicas que estimulam o equilíbrio, a fala, a expressão de sentimentos, a imaginação e o autoconhecimento com resultados comprovados (MALLON, 1992 apud FLÔRES, 2009).

Outros exemplos que poderiam ser empregados para ilustrar o auxílio desses animais são inúmeros. O cão guia que apesar do desenvolvimento tecnológico tem seu trabalho reconhecido e apreciado, muito em especial pelos deficientes visuais. O cão de alerta que avisa pessoas, por exemplo, com epilepsia da proximidade da ocorrência de um ataque. De igual modo, embora menos conhecido, o cão de serviço especialmente treinado

para auxiliarem indivíduos com problemas motores, quer estejam acamados quer confinados a cadeiras de rodas, demonstra o quanto a companhia de um animal pode ser benéfica. Estes cães são treinados para apanharem objetos do chão, ir buscar objetos, como o telefone móvel e inclusivamente, fecharem portas, apagarem a luz e darem o alerta quando existem alterações do estado de saúde do seu "protegido" humano. O grau de confiança que os indivíduos nesta situação experimentam devido ao apoio prestado pelo cão é notório e significativo (ANDERLINI, 2009).

Gonçalves, (2008) orienta que o trabalho deve ser em conjunto com um Médico Veterinário que entenda do assunto, pois a cinoterapia alia a parte de saúde pública à da parte fisiológica e comportamental dos animais, além da interação animal-paciente.

De acordo com o mesmo autor a cinoterapia só é contraindicada em casos de alergia. "Pacientes que apresentam intolerância a pêlos não devem fazer o tratamento. Para ajudar a evitá-las, a higiene e saúde do animal são pontos muito importantes. Eles devem estar de banho tomado, unhas cortadas e tosados, se necessário. É imprescindível que sejam vacinados e vermifugados. Não deve ter tártaros, problemas de pele ou otite, o que deixará o cão reativo a um afago na região das orelhas. Esses cuidados são fundamentais para que o encontro fique mais agradável e isento de riscos para a saúde do paciente.

O diferencial da Cinoterapia em relação à Equoterapia é o tipo de estímulo dado ao paciente. "O tratamento com cavalos baseia-se nos estímulos da movimentação pélvica dos pacientes, com o andar dos cavalos, e no equilíbrio para se manter em cima do animal. Já com os cães tentamos fazer com que as crianças e os idosos realizem os movimentos que haviam sido perdidos", A base do tratamento é a estimulação cerebral, ressalta Gonçalves, (2008).

2.2.3 Delfinoterapia

A idéia de que a interação dos humanos com golfinhos podia ser benéfica foi formulada pela primeira vez em 1960 pelo norte-americano John Lilly, que estudou a comunicação golfinhos-humanos (HUMPHRIES, 2003 apud LOPES, 2007).

Os golfinhos parecem ser animais ideais para esta terapia, já que além de terem uma grande afinidade com os seres humanos, têm uma enorme capacidade para o jogo e o contato com eles realiza-se na água (LOPES, 2007). Em países como os Estados Unidos e

na Inglaterra a terapia com golfinhos é utilizada, com muito sucesso, como coadjuvante na hidroterapia (PLETSCH, 2010).

A delfinoterapia (DT) nasce no campo da TAA, na qual o golfinho é utilizado para a terapia, melhorando a capacidade motora dos pacientes graças aos exercícios realizados na água, além de incrementar a capacidade de comunicação e aumento da independência, serenidade e cooperação (CORREDOR, 2007).

Os golfinhos são animais de grande sensibilidade acústica, que apresentam uma forma de comunicação semelhante ao sonar. Essa característica torna essa espécie incomparável nas melhorias neurofisiológicas aos pacientes, sendo uma possível razão pela qual a Delfinoterapia se pode diferenciar de outras TAA (LOPES, 2007).



Figura 10- Sessão de delfinoterapia.
Fonte: www.peques.com.mx



Figura 10- Sessão de delfinoterapia.
Fonte: www.peques.com.mx

Devido à energia contida nestes sons os golfinhos têm a capacidade de desfazer a estrutura molecular de fluidos, isto é, altera o metabolismo celular do corpo humano, promovendo a libertação de hormônios como a endorfina que provocam o bem-estar, assim como a produção de células de defesa do sistema imunológico (CAMPOS, 2009).

Embora inicialmente tenha sido utilizada em portadores de deficiência mental, atualmente atende a varias patologias, tais como Trissomia 21(TR21), Perturbações do Espectro do autismo (PEA), cancro, depressão, Síndrome de Déficit de Atenção (DAS),

deficiência auditiva e visual, lesões na medula espinhal, problemas sociais e outras (LOPES, 2007).

A DT é realizada nos delfinários, com golfinhos amestrados, onde os pacientes realizam exercícios aquáticos auxiliados por um terapeuta. Durante a sessão, o animal, o paciente e o monitor interrelacionam-se através de um programa de trabalho que inclui jogos, movimentos distintos segundo o que se queira trabalhar, por exemplo, a área motora ou a sociabilidade (CORREDOR, 2007).

2.2.4 Outros animais

Neste tipo de terapia, além de cavalos, cachorros e golfinhos outros tantos animais podem ajudar em diversos tratamentos (PLETSCH, 2010).

A Asinoterapia é muito semelhante à Equoterapia, mas aqui o animal usado é o burro. Esta prática equestre recorre a um conjunto de técnicas de educação e de reeducação do indivíduo, com o objetivo de fazer com este ultrapasse, na medida do possível, danos sensoriais, motores, cognitivos, afetivos e/ou comportamentais (CAMPOS, 2009).

Outros animais além dos animais citados anteriormente podem ajudar no melhoramento físico e psicológico do ser humano, assim como aumentar significativamente a sua qualidade de vida, como exemplos, gatos, coelhos, porquinhos-da-índia, hamsters, pássaros, peixes, etc. Animais como cobras, aranhas, lagartos e escorpiões não estão legalizados a fazer terapia, pois além de não serem permitidos como animais de estimação em vários países são imprevisíveis, não podendo ser feita uma avaliação (CAMPOS, 2009).

2.3 Indicações e benefícios

Esse tipo de terapia coadjuvante é dirigida a todos os tipos de pacientes, indicada nos mais diversos casos, desde crianças com problemas psicomotores até idosos debilitados, doentes mentais e outros diversos problemas de saúde humana. De acordo com Pletsch, (2010) TAA destina-se a:

- Idosos em lares;

- Pessoas fragilizadas fisicamente ou hospitalizadas;
- Pessoas portadoras de síndromes genéticas;
- Crianças com paralisia cerebral, autismo, hiperatividade e agressivas;
- Crianças e adultos com problemas de aprendizagem;
- Crianças e adultos fragilizados psicologicamente;
- Crianças provenientes de famílias em risco e adultos com problemas sociais e de adaptação;
- Crianças de comportamentos indesejados, como fobias e traumas;
- Vítimas de abuso sexual;
- Crianças com dificuldades em falar ou se expressar.

Na década de 1960, foram realizadas nos Estados Unidos as primeiras observações científicas dos benefícios dessa terapia em pacientes com quadro clínico psicológico (JULIANO *et al.*, 2006 apud PECELIN *et al.*, 2007).

São inúmeros os benefícios físicos, mentais, sociais e emocionais que os animais podem proporcionar tanto em terapias como, simplesmente, no convívio diário. Bem estar, afastamento do estado da dor, encorajamento das funções da fala e das funções físicas, redução da pressão sanguínea e frequência cardíaca, estímulos a memória e cognição, diversão e diminuição do isolamento, oportunidade de comunicação e convivência, possibilidade de troca de informações e de ser ouvido, sentimento de segurança, socialização e motivação, diminuição da ansiedade, relaxamento e alegria, aumento da confiança em si próprio e do grupo, diminuição do estresse são alguns dos benefícios citados por Flôres, (2009).

Resultados ainda têm sido observados no aprendizado de crianças e adolescentes com ou sem déficits cognitivos, idosos institucionalizados ou não, dependentes químicos, alcoólatras, presidiários, sedentários, enfermos hospitalizados, pacientes com dificuldade de locomoção e portadores de diferentes tipos de deficiências ou patologias (SILVA, 2009).

Para Silva, (2009) apesar de não curarem, esta pratica ajuda os pacientes a recuperar a auto-estima, fomentar a interação e as relações sociais adquirir uma maior autonomia e desenvolverem melhores capacidades de linguagem e movimentos. Promovem ainda o desenvolvimento emocional, através do vínculo criado entre paciente e animal.

2.4 Seleção e saúde do animal

A escolha do animal é um fator funcional para o sucesso dos objetivos da TAA. Podem-se desenvolver atividades com animais domésticos ou selvagens. Mas alguns fatores são essenciais para que haja um bom andamento dessa atividade, os animais domésticos devem ser socializados, adestrados e sempre acompanhados de um condutor ou de um profissional adequado para o manejo e manutenção de saúde do animal. Já os selvagens devem ter acompanhamento integral de um biólogo ou médico veterinário, que deve ter sempre como objetivo a reinserção deste animal a seu meio ambiente natural (KLEIN, 2007).

Dadas as suas características comportamentais e morfológicas, os animais de eleição para este tipo de programas são o cavalo e o cão, embora também comecem a utilizar-se burros, gatos, aves e golfinhos, essas ainda relativamente pouco exploradas (SOARES e PAIXÃO, 2011).

Segundo Flôres, (2009) cães de todas as raças, de todos os tamanhos podem participar desde que tenha um temperamento adequado e façam todos os testes e exames necessários. Não é aconselhável a participação de filhotes, nem de cães com idade avançada. Os filhotes, por terem dentes afiados, unhas afiadas e necessidade de morderem. Também por normalmente serem mais frágeis. A faixa de idade recomendável está entre um e nove anos. Fêmeas no cio, mesmo seco, não poderão participar.

Ainda de acordo com Flôres, (2009) depois da seleção do animal conforme espécie, raça, sexo, idade, tamanho, aptidão e temperamento, deve haver uma combinação com a classe de pessoas com quem irão interagir:

- Crianças não debilitadas: animais mais ativos e maiores;
- Idosos: animais mais calmos e menores.

Campos, (2009) esclarece que os principais requisitos para um animal terapeuta é demonstrar um comportamento confiável, controlado, previsível, que inspire confiança na pessoa que está a interagir com ele.

Quanto às características e preparação dos cavalos para a prática não existe diferença entre as técnicas e raças utilizadas. São características desejáveis que o animal seja dócil, corajoso e obediente, que demonstre confiança para o praticante. O equídeo tem que ter resistência e rusticidade, facilidade de adaptação ao ambiente, grande peso

corporal, para poder atender pacientes obesos. É essencial que o cavalo seja sensível, que aceite bem o contato, o toque, e que tenha comportamento de disponibilidade de ajudar (ARANTES, 2006).

Desde que o animal seja dócil é possível estabelecer um adestramento, ensinando o a ter um andar calmo e suave, numa passada rítmica. Cada treinamento será adequado às necessidades do praticante de forma equilibrada e interativa (ARANTES, 2006).

De acordo com Dukes, (2006) o aprendizado e a formação da memória são importantes para todos os animais domésticos. Cães e equinos são as duas espécies cujo valor pode depender da sua capacidade de aprender.

As contraindicações se restringem aos animais que demonstrem comportamento de rivalidade e de competição com outros animais; animais sem controle de zoonoses podem transmitir doenças e animal mal selecionados que podem causar “acidentes”, tais como mordidas, estranhamento e situação de medo (KLEIN, 2007).

A plena saúde física do animal coterapeuta é um aspecto essencial e visa não somente o bom desempenho e o bem-estar do animal, mas também a garantia de que não haverá risco de transmissão de zoonoses e contaminação dos locais de realização das terapias. Não se pode esquecer que muitos destes ambientes são sanitariamente controlados, tais como hospitais e consultórios e, além disto, pode se entrar em contato com pacientes enfraquecidos e até imunossuprimidos por tratamentos químicos ou pela própria doença que enfrentam (OLIVA, 2004).

Para Gonçalves, (2008) é imprescindível que os animais sejam vacinados e vermifugados. Não devem ter tártaros, problemas de pele ou otite. Esses cuidados são fundamentais para que o encontro fique mais agradável e isento de riscos para a saúde do paciente. Segundo Oliva, (2004) qualquer sintoma de doença que possa vir a trazer risco para o paciente assistido e/ou mal-estar para o animal, deve ser motivo para o afastamento temporário ou definitivo deste de suas atividades junto ao grupo.

Todos os animais utilizados passam, obrigatoriamente, pela avaliação de profissionais da área de veterinária e da psicologia comportamental. Eles devem atender aos requisitos de saúde animal, para conferir confiabilidade ao trabalho proposto pelos grupos de TAA sendo avaliados, reavaliados e monitorados. Os animais são testados quanto ao comportamento, obediência, socialização e aptidão, passando por reavaliações constantes (OLIVA, 2004).

2.5 Profissionais envolvidos e o papel do Médico Veterinário

A prática da Terapia Assistida por Animais pressupõe a atuação e/ou supervisão de uma equipe interdisciplinar. Sua composição tem alguma variação de acordo como o animal empregado (SOARES e PAIXÃO, 2011).

Conforme o caso poderá, após o necessário treinamento, participar da equipe os seguintes profissionais da área da saúde: médico, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, psicólogo e fonoaudiólogo; da área sócio educacional: pedagogo, educador especial, educador físico, educador artístico e assistente social; da área do trato animal: médico veterinário, zootecnista, instrutor de equitação, auxiliar guia e tratador (PLETSCH, 2010).

Assim, as áreas de atuação multidisciplinares podem ser realizadas por médicos nos hospitais, deixando o ambiente hospitalar menos agressivo: por psicólogos, que utilizam os animais como mediadores no processo terapêutico e de comunicação entre terapeuta-paciente; por fisioterapeutas que trabalham com a motivação na prática da reabilitação, estímulo cognitivo, sensorial e instrumento lúdico; a fonoaudióloga com estímulos à verbalização; pelos terapeutas ocupacionais, como motivador da independência pessoal e socialização; por pedagogos com aprendizado significativo, facilitador da leitura e práticas educacionais; pelos médicos veterinários que atuam na avaliação, manutenção da saúde e condução do animal e por adestradores que fazem avaliação, educação, adestramento, manutenção segurança e condução do animal (DOTTI, 2005 apud KLEIN, 2007).

O comportamento animal é tão fascinante para o público quanto para os cientistas que estudam os animais, portanto é importante entender a base fisiológica do comportamento animal conhecimento esse, atribuído ao Médico Veterinário (DUKES, 2006.)

De acordo com Oliva, (2004) esse profissional desempenha papel essencial no sentido de acompanhar as manifestações comportamentais do animal junto a adestradores e etnólogos, assim como, no sentido de zelar pela saúde animal.

O Médico Veterinário é responsável pela avaliação dos animais sendo o único profissional capacitado para verificar a saúde de um animal terapeuta. Exerce função de orientador, informando e ensinando os cuidados básicos de saúde e higiene de cada espécie, bem como suas particularidades. Ele também deve participar do andamento do

projeto para que reavaliações sejam feitas com frequência e o esquema de vacinação e vermifugação respeitado (FLÔRES, 2009).

Ainda segundo Flôres (2009), é de fundamental importância que programas de A/TAA possuam Médicos Veterinários para zelar pela saúde dos animais terapeutas, devido à sua proximidade com os pacientes. Para a autora, além de evitar as chamadas zoonoses, cabe ao Veterinário orientar o proprietário sobre suas responsabilidades para com o animal terapeuta, e conscientizá-lo da importância de adotar certos cuidados.

A Organização Mundial de Saúde reconhece a importância dos animais como zooterapeutas, por isso se preocupa com a plena saúde física do animal. Neste contexto, o Médico Veterinário desempenha papel essencial no sentido de acompanhar as manifestações comportamentais do animal, bem como de zelar pela sua saúde garantindo que não haverá risco de transmissão de zoonoses e contaminação do local de realização da terapia (ANDERLINE e ANDERLINE, 2007).

A interação de animais com pessoas doentes, ainda gera muito preconceito é necessário, também neste momento a intervenção do Médico Veterinário para desmistificar crenças pré-existentes (BAHR, 2001).

Apesar das limitações, é visível que os benefícios que este trabalho proporciona são muito superiores aos riscos que ele pode causar. Além disso, a chance de uma pessoa adquirir uma zoonose existe mantendo contato com animais ou não (KLEIN, 2007).

2.6 Avanços na terapia

A interação entre humanos e animais vem sendo acompanhada pela comunidade científica devido às evidências de melhoria da qualidade de vida das pessoas, principalmente terapêuticos de pessoas que residem em asilos ou adoentadas (DORNELAS *et al.*, 2009).

Em Portugal, a TAA começa a ser uma aposta forte, aplicada, por exemplo, em crianças com autismo ou a Síndrome de Down, e no acompanhamento a idosos e adultos jovens com problemas diversos, quer funcionais, psicológicos, ou que, simplesmente, se sintam sozinhos. Outra vertente de aplicação deste tipo de terapia são os programas de reabilitação de reclusos (PORTO e CASSOL, 2007).

Atualmente o uso dessas terapias tem indicado efeitos fisiológicos positivo nas pessoas que interagem com os animais. O Journal of the American Association of human- Animal Bond veterinárias – AAHABV, de 2001, menciona alguns resultados já alcançados pelas pesquisas de dois médicos da África do sul: O Prof. Johannes Odendaal e a Dra. Susan Lehmann constataram que tanto nos humanos como nos cães há uma mudança benéfica que ocorre nas endorfinas beta, phenilatalamina, prolactina, dopamina e ocitocina dentro de uma interação positiva de quinze minutos. A liberação estes hormônios além de dar a sensação de felicidade, diminui o hormônio do estresse, o cortisol (ODENDAAL, LEHMANN, 2001 apud FLÔRES, 2009).

Recentemente na Europa e Estados unidos foi comprovado que famílias com animais de estimação têm menos despesas com saúde do que as famílias sem animais, essa convivência é capaz de melhorar a auto-estima, diminuir problemas cardiovasculares, auxiliar a família na diminuição do estresse, na queda da pressão em hipertensos e, principalmente, de melhorar a interação social (PLETSCH, 2010).

Berzins, (2000) relata que estudos efetuados nos Estados Unidos e na Europa apontam para uma redução do tempo de recuperação das doenças e uma maior sobrevivência aos indivíduos que possuem animais de estimação e que foram acometidos por cardiopatia isquêmica. Percebe-se que, nessas situações, a presença do animal resultou na redução da ansiedade, diminuição de depressão, uma vez que os animais incentivam a atividade física, tanto para levá-los aos passeios como para a realização dos cuidados diários.

Hoje, no Brasil, as universidades têm aberto mais as portas para experiências que queiram comprovar a eficácia da zooterapia (PORTO e CASSOL, 2007).

Profissionais envolvidos na área de Medicina Veterinária da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), em Botucatu, evidenciam que o contato com animais melhora os batimentos cardíacos dos idosos, além do estímulo emocional resultante da troca de carinhos (UYEHARA, 2004).

Venturoli, (2004) afirma que crianças que têm um bichinho por companhia desenvolvem mais rapidamente suas habilidades cognitivas e sócio-emocionais: as mascotes incentivam a comunicação, a responsabilidade das crianças e facilitam sua convivência com os demais membros de seu convívio.

O campo da terapia assistida por animais ainda precisam de mais aprofundamento no Brasil, ao mesmo tempo em que profissionais que atuam em

instituições, hospitais e mesmo consultório vêm utilizando os animais como coterapeutas, isso devido aos resultados positivos experimentados (OLIVEIRA, 2005).

Há bons profissionais da área da saúde que se interessam pelo tema, mas não têm conhecimento sobre os animais. Por outro lado, há profissionais da medicina veterinária que conhecem bem o animal, mas sabem pouco sobre os seres humanos. O caminho, para avançar, parece ser mesmo o trabalho com as universidades (MACHADO *et al.*, 2008).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações humanas, neste mundo apressado em que vivemos, negligenciam muitas vezes o toque, o contacto físico, o olhar nos olhos, etc. No entanto, estes comportamentos são de extrema importância para garantir o nosso bem-estar.

A prática da Terapia Assistida por Animais tem se tornado mais conhecida e aceita por profissionais da área da saúde e por leigos nos últimos anos. A utilização de animais de diversas espécies são os mais recentes reforços terapêuticos em muitos hospitais e instituições de saúde de todo o mundo, apesar de não curarem são técnicas comprovadamente uteis na socialização das pessoas na psicoterapia, em tratamentos de pacientes com necessidades de varias causas e no auxilio terapêutico de enfermos com doenças graves. Os animais têm propriedades que precisam ser amplamente estudadas.

É imprescindível que a TAA seja realizada de forma responsável e em grande escala, deixando clara a responsabilidade do Médico Veterinário e a sua conduta frente a um projeto.

4 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.L. *et al.*, Aspectos Psicológicos na interação homem-animal de estimação. **IX Encontro Interno e XIII Seminário de Iniciação Científica**. PIBIC-UFU, CNPq & FAPEMIG Universidade Federal de Uberlândia. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação. 2009.
- ALVES *et al.*, **Projeto Cinoterapia**. APPAE, Sabará. Disponível em: <http://www.animaisterapeutas.com.br/animais_terapeutas.htm Acesso em: 05 agosto 2011>.
- ANDE-BRASIL (Associação Nacional de Equoterapia). O que é Equoterapia. **Noticiário Tortuga**. Edição especial equídeos. Ano 53. p.58-59, nov./dez. 2007.
- ANDERLINE, G. P. O. S. Cão-guia, muito mais do que uma companhia: Uma profissão. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**. v.15, n. 47. 2009.
- ANDERLINE, G.A.O.S.; ANDERLINE G.A. Benefícios do envolvimento do animal de companhia (cão e gato) na terapia socialização e bem estar das pessoas e o papel do Médico Veterinário. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, n.41, p.70-75, 2007.
- ARANTES, L.G.; VIADANNA, P.H.; SOUZA, R.R.; SOUZA, M.M.O. A participação do medico veterinário na escolha e treinamento de cavalos para a prática de Equoterapia. **Vet. Not.**, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 18, set. 2006.
- BAHR, S.M. Pessoas Imunocomprometidas e animais de estimação. **Revista Clínica Veterinária**. Ano VI, n.30, 2001.
- BAYNE, K. Development of the human-research animal bond and its impact on animal well-being. **ILAR Journal**, Washington, v. 43, n. 1, p. 4-9, 2002. Disponível em: <http://www.inataa.org.br/anexos/PercepcaoDosEstudantesDaAreaDeSaudeSobreATAA.pdf>). Acesso em: 11 agosto 2011.
- BERGAMO, G. O doutor é animal. **Veja**, São Paulo, 30 nov. 2005. Saúde, p. 66 – 68.
- BERZINS, M.A.V. **Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUC, São Paulo. 2000.
- CAMPOS, P. R. C. **O tratamento e ajuda através dos animais**. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/hospvetporto/o-tratamento-e-ajuda-atravs-dos-animais> 2009>. Acesso em: 22 agosto 2011.

CESJCD (Centro de Equoterapia Soldado Josué Cipriano Diniz). O que é Equoterapia. **Noticiário Tortuga**. Edição especial equídeos. Ano 53. p.60, nov./dez. 2007.

CORREDOR, F. P. **Delfinas, aguay diversión para los niños discapacitados**. Disponível em <<http://www.okmakus.com/delfinoterapia.htm> 2007>. Acesso em: 22 agosto 2011.

DELTA SOCIETY. **Atividade e terapia assistida por animais**. A/TAA 2005. Disponível em: <<http://www.projetocao.com.br/main.htm>>. Acesso em: 05 agosto de 2011.

DORNELAS, K.C.; DORNELAS, O.A.A. e VIEIRA, F.T.A. Terapia Assistida por Animais (TAA) como recurso terapêutico. **Pubvet**, Londrina, V. 3, N. 31, Ed. 92, Art. 654, 2009. Disponível em: http://www.pubvet.com.br/artigos_det.asp?artigo=531. Acesso em: 02 agosto 2011.

DUKES, H.H. **Fisiologia dos Animais Domésticos**, 12. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,. 2006, 887 a 895 p.

FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N. A Relação Homem-Animal e a Prática Veterinária. **Revista Conselho Federal de Medicina Veterinária**. Vol. 10, N. 32, p. 57-62, 2004.

FERNANDES, E.B.C. **Métodos aplicados à fisioterapia equina**. Patos, PB 2009. Monografia (Graduação em medicina veterinária) – Centro de Saúde e Tecnologia Rural/Universidade Federal de Campina Grande.

FLÔRES, L. N. **Os benefícios da interação homem animal e o papel do medico veterinário**. Porto alegre, RS. 2009. Monografia (Especialização em clinica medica de pequenos animais) – Universidade Federal Rural do Semi-Arido.

FRARE, F.F.; VOLPI, J.H. Equoterapia, corpo e emoções em movimento. In: **Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais; XVI, XI, 2011. Anais**. Curitiba; Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-21-7]. Disponível em; <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos>>. Acesso em: 08 agosto 2011.

GONÇALVES, H. J. **Seleção e cuidados com os animais terapeutas**. Disponível em: <http://www.animaisterapeutas.com.br/animais_terapeutas.htm>. Acesso em: 10 agosto 2008.

JULIANO *et al.*, **Terapia Assistida por Animais (TAA): Uma pratica multidisciplinar para o beneficio da saúde humana**. Goiânia – GO, 2006. Disponível em: www.vet.ufg.br/bioetica/arquivos%20PDF/Terapia%20assistida%20por%20animais.pdf. Acesso em: 08 agosto 2011.

KLEIN, M.Z. **Possíveis benefícios da relação criança/equino na Equoterapia.** Biguaçu. 2007. Monografia (Graduação em psicologia) – Universidade do Vale do Itajaí.

KOBAYASHI, C.T. et al.,. Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em Hospital Universitário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, julho; 62(4): 632-6, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n4/24.pdf>>. Acesso em: 08 agosto 2011.

LANTZMAN, M; **O cão e sua Família; temas de amor e agressividade.** Tese de doutorado. Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 2004.

LERMONTOV, T. **A visão da fonoaudióloga na Equoterapia.** Disponível em: <<http://autismo.nutricao.inf.br/tag/Equoterapia> 2011>. Acesso em: 18 agosto 2011.
 LOPES, E. S. F. **Delfinoterapia: Revisão de Literatura.** Porto, 2007. Monografia (Licenciatura em desporto e educação física). Faculdade de Desporto da Universidade de Desporto.

MACHADO, J. A. C.; ROCHA, J. R.; SANTOS, L. M. Terapia assistida por animais (TAA). **Revista Científica Eletônica De Medicina Veterinária.** Garça/SP, ano VI. N, 10 V,6. p.1-7. Janeiro de 2008 – Periódicos Semestral. Disponível em: <<http://www.revista.inf.br>>. Acesso em: 09 agosto 2011.

MOTTI, G.S. **A prática da Equoterapia como tratamento para pessoas com ansiedade.** Campo Grande, MS. 2007. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco

OLIVA, V. N. L. S. **A terapia assistida por animais: o papel do Médico Veterinário.** Boletim Informativo- Nº35 - 2004 Disponível em: <<http://www.anclivepa-sp.org.br/rev35-01.htm>>. Acesso em: 08 agosto 2011.

OLIVEIRA, G. N. **O relacionamento social da criança.** 2005. Monografia (Bacharel em Psicologia) - Universidade Estácio de Sá. Disponível em: <http://www.petclube.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=197:o-relacionamento-social-da-crianca&catid=1:mundo-pet&Itemid=28>. Acesso em: 08 agosto 2011.

PECELIN, et al.,. Influencia da fisioterapia assistida por animais em relação à cognição de idosos – estudo de atualização. **ConScientinae Saúde**, São Paulo, v. 6, n.2, p. 235-240, 2007.

PEIXOTO G. C. X. et al.,. Zooterapia: uma prática essencial. **Pubvet**, Londrina, V. 3, N. 18, Ed. 79, 2009. Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/artigos_det.asp?artigo=56>. Acesso em: 08 agosto 2011.

PLETSCH, P. **Terapia com animais**. Disponível em:

<<http://www.arcabrasil.org.br/animais/interacao/terapia2.htm>>. Acesso em: 08 agosto 2011.

PORTO, R T. C.; CASSOL, S. Zooterapia uma lição de cidadania: O cão sociabilizador e a criança vitima de violência intrafamiliar. **Rev. Disc. Jur.** Campo Mourão, v. 3, n. 2, p. 46-74, jul./dez. 2007.

QUEIROZ, C.O.V. Visualização da semelhança entre os movimentos tridimensionais do andar do cavalo com o andar humano. **Revista Equoterapia**. N. 13 e 14, p.2-5, junho e dezembro de 2006. Disponível em: Acesso em 08 agosto 2011.

SALAMA, I. **T.A.C.A (terapia assistida com animal)**. Disponível em:

<<http://www.isabelsalama.com/page3.html>>. 2005. Acesso em 08 agosto 2011.

SILVA, R.M. Bem estar animal em programas de zooterapia ou terapia assistida por animais. **Pubvet**, Londrina, V.3, N.20. Ed,81, Art.57,2009. Disponível em http://www.pubveet.com.br/artigos_det.asp?artigo=57. Acesso em 02 agosto 2011.

SILVEIRA, M.M. e WIBELINGER, L.M. 2010 . Reeducação da Postura com a Equoterapia. **Rev Neurocienc** 2011; *in press*. Porto Alegre-RS, Brasil.

SOARES, G. M; PAIXÃO, R. L. Desafios na associação epidemiológica entre raça e agressividade canina. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Vol 17, n. 52, p. 17-25. 2011.

SODRÉ, L.A.D. e PLETSCH, P. **Balanco social**. 2009. Disponível

em:<<http://www.equogenfidelis.org.br>>. Acesso em: 11 setembro 2011.

SOUZA, M.R.S. **Convivendo com os animais**. Disponível em:

http://www.saudeanimal.com.br/art120_print.htm Acesso em: 22 agosto 2011.

TEIXEIRA, J. Amigos até que a morte nos separe. **Veja**, São Paulo, 24 jan. 2007.

Especial. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/240107/p_068.html>. Acesso em: 15 agosto 2011.

UYEHARA, A.M.G. **Benefícios da relação homem x animal**. 2004. Disponível em: <

<http://www.portaldoenvelhecimento.net/acervo/artieop/Geral/artigo20.htm>>.

VENTUROLI, T. Por que amamos os animais: Dez mil anos de amizade. **Veja**, São

Paulo, 24 nov. 2004. Especial. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/241104/p_114a.html>. Acesso em: 10 jun. 2007.

WICKERT, H. O cavalo como instrumento cinesioterapêutico. **Revista Equoterapia**.

N. 3, p.3-7, dezembro de 1999.